

Ebdone Mutiquido Chiruquira

O Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa. Estudo de Caso: Escola Primária Completa de Napipine (2014-2015).

Licenciatura em Psicologia Educacional

Universidade Pedagógica

Nampula

2016

Ebdone Mutiquido Chiruquira

O Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa. Estudo de Caso: Escola Primária Completa de Napipine (2014-2015).

Monografia Científica à ser apresentado ao Departamento de Ciências de Educação e Psicologia para obtenção do grau de Licenciatura em Psicologia Educacional com Habilitações em Educação e Assistência Social.

Supervisor:

MA. José Maria Pedro Salia.

Universidade Pedagógica

Nampula

2016

Índice

Lista de Abreviaturas e siglas	v
Declaração	vi
Dedicatória.....	vii
Agradecimentos	viii
Resumo	x
Introdução.....	11
CAPITULO I – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
1.1 Problematização.....	13
1.2 Justificativa.....	14
1.3 Objectivos da pesquisa	15
1.3.1 Objectivo Geral.....	16
1.3.2 Objectivos Específicos	16
1.4 Hipóteses	16
1.4.1 Tabela 01: Variáveis das hipóteses.....	17
1.5 Metodologia.....	18
1.6 Tipo de pesquisa	18
1.6.1 Quanto a abordagem.....	18
1.6.2 Quanto aos objectivos.....	19
1.6.3 Quanto aos procedimentos técnicos	19
1.7 Técnica de colecta de dados	19

1.7.1 Entrevista.....	19
1.8 Universo e Amostra.....	20
1.8.1 Universo.....	20
1.8.2 Amostra.....	20
CAPITULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1 Breve Histórico da Aprendizagem Cooperativa.....	22
2.2 Conceitos Básicos.....	23
2.3 Estudos Sobre a Aprendizagem Cooperativa.....	24
2.3.1 Condições de realização da aprendizagem cooperativa.....	25
2.3.2 Constituição e funcionamento dos grupos de aprendizagem cooperativa.....	28
2.3.3 Vantagens da aprendizagem cooperativa.....	30
2.3.3 Tipos de grupo de aprendizagem cooperativa.....	35
2.3.4 Papel e funções do professor na gestão da aprendizagem cooperativa.....	35
2.4 As raízes teóricas da aprendizagem cooperativa.....	37
CAPITULO III – APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	39
3.1 Apresentação, descrição e interpretação de dados da entrevista submetida aos Professores do 3º ciclo (7ª classe) da Escola Primária Completa de Napipine.....	40
3.1.1 Implementação da Aprendizagem Cooperativa nas aulas.....	40
3.1.2 Estratégias usadas na implementação da Aprendizagem Cooperativa.....	40
3.1.3 Esclarecimento de dúvidas aos grupos.....	41
3.1.4 Formação de grupos.....	42

3.1.5 Constituição dos grupos em aprendizagem cooperativa.....	43
3.1.6 Avaliação dos objectivos à alcançar com à tarefa	43
3.1.7 Gestão do tempo durante a realização das actividades.....	44
3.1.8 Vantagens da aprendizagem cooperativa	45
3.2 Verificação das hipóteses	45
Conclusão	48
Sugestões	49
Apêndices	50
Apêndice I: Guião de entrevista: direccionado aos Professores do 3º ciclo (7ª Classe) da Escola Primária Completa de Napipine.....	51
Apêndice II: Grelha de respostas do guião de entrevista submetido aos Professores do 3º ciclo (7ª classe) da Escola Primária Completa de Napipine.....	52
Bibliografia.....	54

Lista de Abreviaturas e siglas

AC – Aprendizagem Cooperativa

EPC – Escola Primária Completa

IFP – Instituto de Formação de Professores

PEA – Processo de Ensino-Aprendizagem

UP – Universidade Pedagógica

Declaração

Declaro que esta Monografia científica é resultado da minha investigação pessoal, sob orientação do meu supervisor, pelo que o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia final.

Declaro ainda que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição para obtenção de qualquer grau académico.

Nampula, Março de 2016

Ebdone Mutiquido Chiruquira

Dedicatória

Dedico este trabalho especialmente à minha Mãe, Julieta Manuel, pelo apoio incondicional que sempre prestou à mim e aos meus segundos Pais, Manuel Machacaua Maezane e Luísa Muzorava (avós maternos) que fazem-me faltar palavras para descrever o quão importantes são na minha vida e, o resultado do que hoje sou é meramente graças aos seus ricos ensinamentos e puxões de orelha.

Agradecimentos

Primeiramente agradecer à Deus todo-poderoso pela saúde e a mão que estendeu-me para conseguir chegar à essa etapa da vida académica.

Dirijo ainda um especial agradecimento ao meu supervisor, MA. José Maria Pedro Salia, pela paciência e sabedoria que teve durante o acompanhamento da elaboração do trabalho.

À todos os membros da família (Maezane), minha família, que mesmo sendo da parte materna, sinto que é com eles que me identifico visto que, foi no seio da mesma que cresci e adquiri todos os ensinamentos que me fizeram tornar o Homem que hoje sou. Ao meu único e estimado irmão Manuel Mutiquido Chiruquira.

De forma especial quero agradecer à minha tia, Flávia Sara Amós por ter descoberto a minha inclinação académica e ter me incentivado a engrenar neste curso, ao meu tio, Aristides Manuel Maezane, por ser uma das primeiras pessoas na família que sempre acreditou nas minhas capacidades e deu todo o suporte possível para os meus estudos, visto que, saí da Cidade da Beira para Cidade de Nampula simplesmente com o propósito de estudar.

A minha namorada Ana Priscila Norato, que mesmo sem lhe fazer perceber, foi uma das razões que me fizeram buscar motivação e garantir o sucesso nos meus estudos.

O agradecimento se estende aos meus amigos e conhecidos que directa e indirectamente deram-me força para nunca desistir do meu propósito que era de conquistar o grau académico de Licenciatura, em especial ao, Adamo Manonga, Joaquim Fareense, Edson Valentim, Jaime Macovane, Fernando Malemule, Anatólio Baptista, Hermínio Muchave e Américo Chireque.

À instituição de ensino (UP-Nampula) essa que, com muito orgulho faço parte, tenho a dizer que me foi de muita utilidade na medida em que não só transmitiu-me conteúdos científicos mas também de algum modo acabou moldando a minha personalidade.

Ao meu departamento, curso de Psicologia Educacional e a todos docentes que passaram pela turma, transmitindo suas experiências de modo a me ajudar na construção do meu conhecimento.

Aos meus colegas que junto partilhamos momentos difíceis e fáceis para o sucesso estudantil e deram oportunidades de colaborar nas actividades académicas e favorecerem melhores vias

para produção deste trabalho, e de forma particular (Eminêncio Banana, Aurélio Manuel, Carla Mucussete, Rosalina Jaime, Cacilda Mardez, Laura Fontes e Teresa Majaja).

Os meus agradecimentos se estendem para aqueles que manifestaram vontade na realização deste trabalho, sobretudo aos profissionais da EPC de Napipine, na pessoa de, Aleixo Segunda Salimo (director da escola), Angelina José Luís (directora adjunta pedagógica), Carlos João Alberto (coordenador do 3º ciclo) e em nome de todos os professores que fizeram parte do meu trabalho, respondendo com clareza as questões que compunham o guião de entrevista.

Resumo

Esta monografia científica é parte integrante e conclusiva da Licenciatura em Psicologia Educacional com Habilitações em Educação e Assistência Social. O mesmo tem como tema: O Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa. Estudo de Caso: Escola Primária Completa de Napipine (2014-2015). Tem como objectivo geral: analisar as metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa. E os objectivos específicos são: Identificar as estratégias usadas pelo Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa; Descrever as modalidades de trabalho seguidas pelo professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa e; Sugerir melhores metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa. Para dar a resposta ao problema levantou-se à seguinte pergunta de partida: Quais são as metodologias de trabalho do professor durante a implementação da aprendizagem cooperativa. Para responder foram traçadas duas hipóteses sendo, hipótese 1: O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias activas com vista a orientar os alunos a alcançarem os objectivos pré-definidos e hipótese 2: O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias passivas com vista a dar liberdade aos alunos na escolha das modalidades a seguirem para o alcance dos objectivos pré-definidos. Quanto a metodologia baseou-se na abordagem qualitativa, quanto aos objectivos foi descritiva e no que se refere aos procedimentos foi uma pesquisa de campo. Para a colecta de dados contou-se com a técnica de entrevista do tipo estruturado. A pesquisa teve como universo 17 Professores do 3º ciclo (7ª classe) na qual tirou-se uma amostra aleatória de 5 sujeitos. Os resultados apontam que a nossa segunda hipótese foi confirmada, uma vez que, conclui-se que o Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias passivas com vista a dar liberdade aos alunos na escolha das modalidades a seguirem para o alcance dos objectivos pré definidos.

Palavras – chave: Aprendizagem Cooperativa, Metodologia.

Introdução

A aprendizagem cooperativa é um método de ensino-aprendizagem em que os alunos trabalham em pequenos grupos heterogêneos, com papéis previamente definidos, trocando informações e partilhando materiais, estando cada aluno consciente de que só terá sucesso se todos os elementos do grupo também tiverem.

O trabalho subordina-se ao tema: *O Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa. Estudo de Caso: Escola Primária Completa de Napipine (2014-2015)*. A pesquisa tem como objectivo geral, analisar as metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa, e para o seu alcance contou-se com os seguintes objectivos específicos: identificar as estratégias usadas pelo Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa; Descrever as modalidades de trabalho seguidas pelo Professor na implementação da Aprendizagem cooperativa e; Sugerir melhores metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa.

A maior motivação do autor para investigar o tema foi pelo facto de ter constatado que, no processo de ensino-aprendizagem, na sala de aula, de forma particular no 3º ciclo (7ª classe), os Professores da Escola Primária Completa de Napipine para além de se apoiarem dos métodos tradicionais na maior parte do seu tempo de leccionação, com enfoque o método expositivo, ou seja, aquele que como finalidade a Aprendizagem individual, no momento em que eles acreditavam estar a pôr em prática a Aprendizagem Cooperativa, essa que busca construir no indivíduo competências tanto na esfera cognitiva como social, durante as suas aulas não seguiam algumas estratégias consideradas aceites neste tipo de aprendizagem. Daí que o autor levanta a seguinte pergunta de partida: *Quais são as metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa?*

Quanto à metodologia, a pesquisa é qualitativa pois para à análise e interpretação de dados usou-se a indução e o método estatístico como meio auxiliar, quanto aos objectivos é descritiva, uma vez que, o autor se propõe a descrever como ocorre o processo de implementação da Aprendizagem Cooperativa na referida escola e, quanto aos procedimentos é de campo pois a maior parte dos dados foram obtidos no lugar da ocorrência do fenómeno, neste caso a Escola primária Completa de Napipine. E Para a recolha de dados que compõe o trabalho final, o autor se auxiliou da técnica de entrevista que foi submetida a cinco (05)

professores do 3º ciclo (7ª classe) como forma de sustentar mais os dados fornecidos a partir da observação naturalista feita pelo autor.

Como forma de facilitar à compreensão e manuseio, o trabalho encontra-se estruturado em três capítulos, onde no capítulo I: reservou-se aos procedimentos metodológicos da pesquisa e constam os seguintes elementos: Problematização, Justificativa, Objectivos da pesquisa (geral e específicos), Hipóteses, Metodologia, Tipo de pesquisa, Técnica de colecta de dados, Universo e amostra que foi usada para a pesquisa. No capítulo II: reservou-se à fundamentação teórica, e é aqui onde o autor se apoiou de algumas abordagens teóricas de autores que abordam em relação ao tema em diferentes momentos. E no capítulo III: fez-se a apresentação, descrição e interpretação de dados. Além desses elementos, o trabalho traz as conclusões, sugestões, elementos pré-textuais e pós-textuais.

CAPITULO I – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Dentro deste capítulo serão abordados aspectos relacionados as metodologias usadas durante a realização da pesquisa, desde à Problematização, Justificativa, Objectivos da pesquisa (geral e específicos), Hipóteses, Metodologias: tipo de pesquisa, técnica de colecta de dados, universo e amostra.

1.1 Problematização

Partindo do pressuposto que a cooperação como processo educativo é aquela em que os alunos trabalham juntos em pequenos grupos cuja característica principal dos elementos que fazem parte dos grupos é a heterogeneidade com vista a atingirem um objectivo comum, tem-se revelado a melhor estrutura social para aquisição de competências, o que contraria frontalmente toda a tradição individualista e competitiva da organização do trabalho na escola.

Por essa razão que, a Aprendizagem Cooperativa é um novo modelo das Escolas de hoje, onde a aprendizagem não deve ser actividade solitária e individual mas sim aprendizagem que propõe uma actividade social.

As Escolas hoje devem assumir atitudes mais cooperativas e menos competitivas, buscando a formação de pessoas com valores, saberes e os princípios de solidariedade.

A estrutura cooperativa pressupõe que cada um dos membros do grupo só possa atingir o seu objectivo se cada um dos outros o tiver atingido também. Ao contrário disso, a estrutura competitiva significa que um indivíduo só atinge o seu objectivo quando o outro o não atingir.

A inquietação no autor surge no decurso da realização das práticas pedagógicas, em que o mesmo observou que, os Professores da Escola Primária e Completa de Napipine, particularmente os que leccionam no 3º ciclo (7ª classe), durante as suas aulas passam maior tempo transmitindo os conteúdos se apoiando dos métodos tradicionais com mais frequência o expositivo.

Das poucas vezes em que os professores procuravam pôr em prática a implementação da aprendizagem cooperativa nas suas aulas, acabavam recorrendo ao uso de algumas estratégias, como por exemplo, pedir que os alunos realizassem algumas actividades em grupo e para isso,

pediam que se formassem sem olhar e respeitar as diferenças e muito menos o número de elementos constituintes em cada grupo, mas sim levavam em consideração as proximidades em que estes se encontravam, e na opinião do autor essas estratégias não irão desenvolver nos seus alunos competências cognitivas e sociais e, muito menos irão ajudar na resolução de problemas que estes poderão encontrar nas classes subsequentes.

No que diz respeito ao controlo e esclarecimento de dúvidas em caso de dificuldades dos alunos na realização das tarefas, isso poucas vezes o autor observou da parte dos professores. Assim, logo que os professores atribuíam as tarefas, saíam das salas e iam conversar com outros colegas e nalgumas vezes, ficavam por longas horas a conversar ao telefone, deixando a turma na responsabilidade de ninguém e, conseqüentemente a isso, alguns alunos se aproveitavam da falta de vigilância do professor para fomentarem barulho e induzirem os outros colegas a não se concentrarem nas tarefas que foram confiadas.

Muitos são os professores que acreditam com isso estar a pôr em prática a aprendizagem cooperativa, quando, frequentemente de facto, não o estão, pois pôr os alunos a trabalhar em grupo para aprenderem não é o mesmo que estruturar a cooperação entre os alunos.

Diante disso, surge uma inquietação no autor que o levou a escolha do tema e que mereceu uma análise e um estudo profundo, daí que se levantou à seguinte questão de partida: ***Quais são as metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa?***

1.2 Justificativa

No respeitante ao tema, o autor teve contacto com o problema em estudo a partir de várias experiências que viveu desde o período em que este foi estudante do ensino geral e também a partir de várias observações feitas no âmbito da realização das Práticas Pedagógicas, uma das cadeiras que fez parte do curso durante a formação.

Assim sendo, a motivação que levou o autor a investigar com profundidade o tema, foi pelo facto de ter constado que, no processo de ensino-aprendizagem, na sala de aula, particularmente no 3º ciclo (7ª classe) da EPC de Napipine, os Professores para além de ocuparem maior parte do tempo de leccionação auxiliando-se dos métodos tradicionais, com maior enfoque o método expositivo, ou seja, aqueles que tem por finalidade a aprendizagem individual, no momento em que eles acreditavam estar a pôr em prática a aprendizagem

cooperativa nas suas aulas não seguiam de forma correcta algumas estratégias consideradas aceitáveis neste tipo de aprendizagem, visto que, busca construir no indivíduo competências tanto na esfera cognitiva como social.

Perante ao uso inadequado de estratégias na implementação da aprendizagem cooperativa, acaba levando com que os encarregados de educação que arduamente investem na formação dos educandos de modo a se formarem e obterem um rendimento pedagógico satisfatório, assim como para os professores que de forma incansável se esforçam de modo a transmitir os conteúdos de forma que os alunos aprendam e façam o uso desse conhecimento em ocasiões futuras, acabam vendo as suas expectativas frustradas.

Como relevância social do estudo, o autor espera que o mesmo ajude a despertar aos demais professores da Escola Primária e Completa de Napipine a melhorarem as suas estratégias de ensino no decorrer da aplicação da aprendizagem cooperativa durante as suas aulas, como formas do aluno assim como o professor conseguirem alcançar os seus objectivos sem maiores níveis de transtorno.

Para o campo da ciência, o autor espera que futuramente os resultados obtidos neste estudo possam vir ajudar aos futuros profissionais da educação a pautarem por um constante uso da aprendizagem cooperativa, como método de ensino que visa desenvolver inúmeras capacidades no aluno para que futuramente não encontre barreiras nas suas relações interpessoais.

1.3 Objectivos da pesquisa

Segundo PILETTI (1991:65) Objectivo *“é a descrição clara do que se pretende alcançar como resultado da nossa actividade. Os objectivos nascem da própria situação, da comunidade, da família, da escola, da disciplina, do conteúdo do professor e principalmente do aluno”*.

Os objectivos da pesquisa científica, assim como os de toda actividade humana, constituem representação imaginária, uma meditação dos resultados possíveis a serem alcançados mediante a realização de tarefas concretas.

1.3.1 Objectivo Geral

Objectivo geral, “corresponde a finalidade maior que a pesquisa quer atingir. Deve expressar o que se quer alcançar ao final da pesquisa” (CRUZ & RIBEIRO, 2004).

Para a materialização da pesquisa o autor priorizou como Objectivo Geral:

- Analisar as metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa.

1.3.2 Objectivos Específicos

Segundo LAKATOS & MARCONI (1991), objectivos específicos, “correspondem as acções que se propõe a executar dentro de um determinado período de tempo. Tem a função intermediária e instrumental, indicando o caminho para se atingir os objectivos gerais”.

Para o alcance do objectivo geral, o autor guiou-se pelos seguintes objectivos específicos:

- Identificar as estratégias usadas pelo Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa;
- Descrever as modalidades de trabalho seguidas pelo professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa e;
- Sugerir melhores metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa.

1.4 Hipóteses

Para GIL (1999:56), hipótese “*é uma suposta resposta ao problema a ser investigado. É uma pré-posição que se forma e que será aceite ou rejeitada somente depois de devidamente testada*”.

É a possível resposta ao questionamento realizado a partir do problema. As hipóteses são falseáveis, no sentido de que o pesquisador poderá refutá-las ao longo da implementação da pesquisa.

Tendo em vista a Citação acima, as supostas respostas são:

- H1: O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias activas com vista a orientar os alunos a alcançarem os objectivos pré definidos;
- H2: O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias passivas com vista a dar liberdade aos alunos na escolha das modalidades a seguirem para o alcance dos objectivos pré definidos.

1.4.1 Tabela 01: Variáveis das hipóteses

Hipóteses	Variáveis	Indicadores
H1: O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias activas com vista a orientar os alunos a alcançarem os objectivos pré definidos.	X - Variável Independente O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias activas.	- Forma os grupos e monitora o tempo necessário para a realização das actividades.
	Y – Variável Dependente Orientar os alunos a alcançarem os objectivos pré definidos.	- Explica aos alunos que actividades devem realizar e esclarece as dúvidas sempre que existirem.
H2: O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias passivas com vista a dar liberdade aos alunos na escolha das modalidades a seguirem para o alcance dos objectivos pré definidos.	X – Variável Independente O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias passivas.	- Não intervêm em nada durante a realização das actividades; deixa tudo ao critério dos seus alunos.
	Y – Variável Dependente Dar liberdade aos alunos na escolha das modalidades a seguirem para o alcance dos objectivos pré definidos.	- Os alunos é que formam os seus grupos; fazem a gestão do tempo; esclarecem-se as dúvidas e são independentes na escolha das modalidades.

Fonte: O autor, 2015.

1.5 Metodologia

Segundo LAKATOS & MARCONI (1991:40), **metodologia** “*é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exacta de toda acção desenvolvida no processo de trabalho de pesquisa*”.

Em termos metodológicos, este trabalho enquadra-se dentro da tipologia de estudo de caso onde, a partir da descrição/interpretação de caso particular, procura-se responder os objectivos traçados. Caracteriza-se pelo facto de que reúne informações tão numerosas e tão pormenorizadas quanto possível com vista a abranger a totalidade da situação. Assim sendo, o estudo recaiu sobretudo na Escola Primária Completa de Napipine - Cidade de Nampula.

1.6 Tipo de pesquisa

1.6.1 Quanto a abordagem

A pesquisa quanto a abordagem foi qualitativa, olhando a natureza do problema e a relevância do estudo. Este tipo de pesquisa consiste em mergulhar a complexidade dos acontecimentos a partir de interpretação dos dados sobre uma certa realidade, e de qual modo permite descrever as características e situações emocionais dos factos de forma qualitativa. A abordagem qualitativa parte de fundamentação da qual existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, uma interdependência vivida entre o sujeito e o objecto. De acordo com GIL, (1995) na **Pesquisa qualitativa** “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objectivo e a subjectividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenómenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte directa para colecta de dados e o pesquisador é o instrumento chave, é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente”.

Este tipo de pesquisa permitiu ao pesquisador descrever o fenómeno em estudo, assim como estabelecer um elo de ligação em relação as metodologias de trabalho do professor na implementação da aprendizagem cooperativa de forma mais aprofundada e objectiva.

1.6.2 Quanto aos objectivos

Dado ao teor do problema em estudo, a pesquisa quanto aos objectivos é **descritiva**, em que, Segundo RODRIGUES (2007:8) “*é aquela que consiste na observação, no registo, análise, classificação e interpretação de factos sem a interferência do pesquisador*”.

A forma descritiva ajudou o autor na descrição de vários factores que condicionam a ocorrência do fenómeno referente as metodologias de trabalho do professor na implementação da aprendizagem cooperativa.

1.6.3 Quanto aos procedimentos técnicos

Quanto a modalidade ou procedimento que foi usado durante a pesquisa, o mesmo foi de **campo**, visto que, segundo GIL (1999) “*é aquela que consiste em aprofundar uma realidade específica. É basicamente realizada através de observação directa das actividades realizadas pelo grupo estudado e de entrevistas ou questionário com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade*”.

Entretanto, a pesquisa teve como campo a Escola Primária Completa de Napipine, cuja mesma teve como propósito, obter informação dos professores que leccionam no 3º ciclo, concretamente a 7ª classe em relação as suas modalidades de trabalho na implementação da aprendizagem cooperativa.

1.7 Técnica de colecta de dados

Para a pesquisa que se realizou, o autor se apoiou da entrevista como o instrumento de colecta de dados.

1.7.1 Entrevista

A técnica de investigação pela entrevista consiste na conversação face a face de maneira metódica, fornecendo ao entrevistador, verbalmente a informação necessária. Acontece em conversa entre o investigador e a pessoa a ser investigada e daí o investigador colhe informações sobre psiquismo. De um modo geral serve para acrescentar e aprofundar informações colhidas a partir da observação e experimentação, o investigador apresenta-se frente a frente ao investigado e lhe formula perguntas com vista a observação dos dados interessantes a investigação.

Portanto, segundo LAKATOS & MARCONI (2002:107) entrevista “*é uma interação social, dialogo em que uma parte busca para colectar e a outra parte é fonte de informação*”.

O uso desta técnica permitiu ao autor colher sensibilidades, conhecimento de opiniões, crenças e expectativas na base de questões previamente elaboradas pelo investigador para serem respondidas pelos investigados ou informantes.

A entrevista foi do tipo **estruturada** em que o sujeito foi solicitado a responder questões padronizadas, estruturadas, directas, fechadas ou estandardizadas. Apesar de sua aparente limitação, as questões estruturadas podem assumir uma variedade de formas, como escolha múltipla, verdadeiro - falso, sim - não, agrada - desagrada, etc.

A técnica de entrevista foi submetida aos professores do 3º ciclo (7ª classe) como forma de sustentar mais os dados fornecidos a partir da observação naturalista feita pelo autor do trabalho.

1.8 Universo e Amostra

1.8.1 Universo

Portanto, pode entender-se como universo o grupo composto por indivíduos que tenham características comuns e que sejam no entanto objecto que se pretende tratar, ou seja, o universo representa a totalidade de indivíduos com características comuns.

Segundo GIL (1999:99) universo (também chamado população) “*é um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características comuns*”.

Para a pesquisa que se realizou, teve como universo cerca de dezassete (17) professores que fazem parte dos profissionais que trabalham com alunos pertencentes ao 3º ciclo (7ª classe) da EPC de Napipine.

1.8.2 Amostra

Para STRATTON & HAYES (2003:8) “*amostra é uma parte da população que é estudada de modo que o pesquisador possa fazer a generalização sobre o todo da população original*”. Portanto amostra é um subconjunto de elementos pertencentes ao universo da população em estudo.

A amostra foi aleatória pois cada elemento pertencente ao universo teve a mesma oportunidade para ser escolhido e responder as questões que fizeram parte do guião de entrevista. Neste caso, fizeram parte da amostra cerca de cinco (05) professores, que representam $1/3$ do universo, procurando com isso uma melhor generalização dos dados.

CAPITULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, o autor traz uma abordagem em relação ao Breve histórico da Aprendizagem Cooperativa, conceitos básicos de alguns termos que foram destacados no arrolar do trabalho e também faz-se uma breve revisão da literatura em relação ao tema em estudo.

2.1 Breve Histórico da Aprendizagem Cooperativa

Segundo LOPES & SILVA, (2010:7) “A aprendizagem cooperativa é uma ideia velha. Em diversos escritos antigos, entre os quais se encontram a Bíblia e o Talmude, aparecem referências explícitas à necessidade de colaboração entre os indivíduos”. Na Bíblia, no Antigo Testamento, no livro de Eclesiastes – talvez do séc. III a.C. -, encontramos esta passagem sobre a vida solitária e a vida comum: É melhor serem dois do que um só, obterão mais rendimento no seu trabalho. Se um cai, o outro levanta – o. Mas ai do homem que está só: se cair não há ninguém para o levantar!

No Talmude (significa literalmente ensino, aprendizagem, estudo), obra de recompilação das interpretações mais autorizadas da Lei de Moisés (Torá), realizadas ao longo de oito séculos – desde o séc. III a.C. até ao séc. V. d.C. – estabelece-se que para aprender deve-se ter um companheiro que facilite a aprendizagem e que por sua vez este facilite a aprendizagem do outro.

Para dar suporte ao trabalho em estudo, o autor se baseou em três teorias de base, à saber: *teoria da interdependência social* representada por Kurt Koffka, teoria essa que pressupõe que os esforços cooperativos se baseiam em motivação intrínseca gerada por factores interpessoais e uma aspiração conjunta por atingir um alvo significativo.

A *teoria cognitivo-evolutiva* cujo representante é Jean Piaget. Esta teoria vê a cooperação como um pré-requisito essencial para o crescimento cognitivo. E por fim à *teoria da aprendizagem comportamental* representada por Skinner. Esta teoria pressupõe que os esforços cooperativos são fortalecidos por uma motivação extrínseca que visa conquistar recompensas.

2.2 Conceitos Básicos

Aprendizagem

Segundo TAVARES & ALARCÃO (2002:86), aprendizagem “*é uma construção pessoal, resultante de um processo experiencial, interior à pessoa e que se traduz numa modificação de comportamento relativamente estável*”.

Portanto, tendo em conta a citação acima, o autor do trabalho sustenta ainda que, para além da aprendizagem ser algo adquirido com base na experiência que o indivíduo passa, a mesma tem que ser duradoura e marcante, pois só assim o indivíduo poderá guardar a experiência vivida.

Assim, STRATTON & HAYES (2003:15), definem a aprendizagem como sendo “*uma mudança relativamente duradoura no conhecimento, no comportamento ou na compreensão que resulta da experiência*”.

Cooperar

Segundo ARGYLE citado por LOPES & SILVA, (2009:3) Cooperar é “*actuar junto, de forma coordenada, no trabalho ou nas relações sociais para atingir metas comuns, seja pelo prazer de repartir actividades ou para obter benefícios mútuos*”.

Aprendizagem cooperativa

JOHNSON, JOHNSON & HOLUBEC citados por LOPES & SILVA, (2010:142), referem-se à **aprendizagem cooperativa** como “*um método de ensino que consiste na utilização de pequenos grupos estruturados de tal forma que os alunos trabalhem em conjunto para maximizarem a sua própria aprendizagem e a dos seus colegas*”.

Assim sendo, a aprendizagem cooperativa é um método em que os alunos trabalham em pequenos grupos heterogéneos, com papéis previamente definidos, trocando informações e partilhando materiais, estando cada aluno consciente de que só terá sucesso se todos os elementos do grupo também tiverem.

Continuando na linha de definição da aprendizagem cooperativa, PUJOLÁS (2001) afirma que, “*é uma actividade ou estratégia que tem em conta a diversidade dos alunos dentro de*

uma turma onde se privilegia uma aprendizagem individualizada que só será possível se os alunos cooperarem para aprender, afastando assim a aprendizagem competitiva e individualista”.

2.3 Estudos Sobre a Aprendizagem Cooperativa

De acordo com JOHNSON, JOHNSON & STANNE, citados por LOPES & SILVA, (2009) esta metodologia de ensino-aprendizagem “promove a socialização, desde o Jardim-de-infância até à Universidade, permitindo ganhos no que se refere às relações sociais entre diferentes culturas e etnias, para além de ganhos a nível de motivação, curiosidade e empenho no trabalho”.

Nos últimos tempos a investigação na área do ensino tem demonstrado que a aprendizagem cooperativa favorece grandemente a melhoria do sucesso escolar e, simultaneamente o desenvolvimento de competências sociais pelos alunos.

Contrariamente à metodologia tradicional do processo de ensino-aprendizagem que se baseia em situações de aprendizagem individual e que as actividades a realizar dependem apenas do rendimento pessoal, a metodologia cooperativa tem como base uma aprendizagem partilhada. Para que a aprendizagem cooperativa aconteça e cumpra o seu principal objectivo, que é contribuir para o sucesso académico dos diferentes alunos, não basta colocar os alunos a trabalhar em grupo. Trabalhar em grupo exige que se aprenda a trabalhar em grupo, com respeito por princípios e regras.

Na aprendizagem cooperativa os alunos trabalham juntos em pequenos grupos, heterogéneos, com o intuito de atingir objectivos de aprendizagem comuns. Os métodos cooperativos possibilitam envolver todos os alunos na aprendizagem, sendo a heterogeneidade encarada e potenciada como um elemento facilitador da aprendizagem, contrariamente ao que acontece na maioria das situações, quando o professor recorre à utilização de uma metodologia tradicional de ensino.

Ao utilizar a diversidade entre os elementos de uma turma como elemento potenciador da aprendizagem, a aprendizagem cooperativa promove, por um lado, bons resultados escolares no domínio cognitivo e, por outro, importantes aprendizagens no que se refere ao domínio sócio-afectivo.

Trabalhar cooperativamente permite aos alunos desenvolverem a auto-estima, melhorar o relacionamento interpessoal e prevenir algumas indisciplinas típicas de sala de aulas. Ao aprender a trabalhar com os outros e para os outros o aluno mune-se de ferramentas indispensáveis a uma intervenção individual e comunitária na sociedade. Prepara-se ainda, para empregos seguros e duradouros em que o trabalho em equipa é o segredo para a competitividade.

Segundo MARREIROS et al (2001) o conceito de aprendizagem cooperativa, “provém dos trabalhos desenvolvidos por Vygotsky cujas observações revelaram que os alunos aprendem mais e melhor quando trabalham em cooperação com companheiros mais capazes, se actuando na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) dos alunos”.

O aluno não constrói o seu conhecimento na forma puramente individual mas através da interacção social. É baseado nesta perspectiva de desenvolvimento que Vygotsky introduz o conceito de ZDP, como sendo a

“distância entre o nível de desenvolvimento real de uma criança (ZDR) – realização independente de problemas – e o nível mais elevado de desenvolvimento potencial (ZDP) determinado pela resolução de problemas sob a orientação de um adulto ou trabalhando com pares mais capazes” (FONTES & FREIXO, 2004:18).

A este respeito faz todo o sentido o referido por Vygotsky, a criança fará amanhã sozinha aquilo que hoje é capaz de fazer em cooperação.

2.3.1 Condições de realização da aprendizagem cooperativa

De acordo com JOHNSON & JOHNSON & JOHNSON et al. referenciados por LOPES & SILVA (2010:142),

“a aprendizagem de natureza cooperativa pressupõe a observância de cinco princípios fundamentais: a interdependência positiva, a responsabilidade individual e do grupo, a interacção estimuladora, a existência de competências sociais e a avaliação do grupo”.

- a) **Interdependência positiva:** considerada a principal característica da aprendizagem cooperativa, consiste na percepção que cada elemento do grupo só será bem-sucedido se todos os outros também forem, de modo que o trabalho de cada elemento beneficia o grupo e o trabalho do grupo beneficia cada elemento.

Para intensificar a interdependência positiva nos elementos do grupo, LOPES & SILVA (2009) afirmam que “podem ser utilizadas as recompensas de grupo, a partilha de recursos e os papéis complementares”.

É a interdependência positiva que “*cria situações em que os alunos trabalham em conjunto, em pequenos grupos, para maximizar a aprendizagem de todos os membros, partilhando os recursos, dando apoio mútuo e celebrando juntos o sucesso*” (Ibidem., 16).

Quando não ocorre este tipo de interdependência pode-se estar perante interdependência negativa, ou competição, onde se verifica que os alunos competem entre si, ou pode-se assistir a uma independência ou individualismo quando o desempenho do aluno só está associado ao seu desempenho.

b) **Responsabilidade individual e de grupo:** cada aluno é responsável por fazer a sua parte do trabalho, que é decidida pelo próprio grupo. Desse modo, os professores precisam avaliar o esforço de cada elemento na resolução do trabalho, sempre dando feedback a cada aluno e ao grupo na totalidade.

A responsabilidade individual e a de grupo decorrem do facto de quando se trabalha em grupos cooperativos haver que atribuir responsabilidade ao trabalho de todos e de cada um, ou seja, os elementos mais fracos são fortalecidos, aprendendo em conjunto com os que são mais capazes, sem que se aproveitem das capacidades dos mesmos, algo que é muito questionado nos trabalhos de grupo tradicionais.

Como referem ABRAMI et al. citados por Ibidem., 17, “*a responsabilidade individual significa que cada um dos membros do grupo é responsável pelas suas aprendizagens e deve ajudar os colegas do grupo a aprender*”. Assim, torna-se importante a atribuição de papéis, uma vez que fará com que a criança sinta que a sua contribuição é importante para o grupo.

Podemos considerar que a responsabilidade individual acontece “quando se avalia o desempenho de cada aluno e os resultados da avaliação são transmitidos ao grupo e ao indivíduo” (Idem). Desta forma, alcança-se um dos grandes objectivos da aprendizagem cooperativa que é o de “fortalecer cada membro individual, isto é, que os alunos aprendam juntos para poderem sair-se melhor como indivíduos”.

c) **Interacção estimuladora:** na realização de uma tarefa com objectivos comuns, cada aluno tem de se preocupar com o sucesso dos elementos restantes. Por isso, tem que ajudar os

colegas, caso seja necessário, e partilhar os recursos, estabelecendo-se um compromisso entre todos. Os elementos do grupo tem que se motivar mutuamente, felicitando-se em conjunto pelas aprendizagens realizadas. A interacção estimuladora possibilita o aumento do rendimento escolar e faz com que o conhecimento mútuo melhore.

LOPES & SILVA (2009:17) referem ainda que, a esta interacção estão associados dois aspectos: a disposição física da sala, que *“deve ser organizada de modo a possibilitar que as crianças que integram os pequenos grupos se posicionem face a face”*, e a interacção resultante desta disposição, que *“se torna determinante para facilitar a ocorrência do feedback, a interacção comunicativa no grupo, a estimulação positiva e o controlo de comportamento”*.

A aprendizagem cooperativa torna-se mais complexa comparativamente com outras formas de aprendizagem uma vez que *“exige que os alunos aprendam não só as matérias escolares (execução de tarefas), mas também as práticas interpessoais e grupais necessárias para funcionar como parte de um grupo (trabalho de equipa”* (Ibidem., 18).

Segundo idem *“para que seja eficaz, o tamanho do grupo deve ser entre dois e quatro elementos”*.

d) As **competências sociais**: são de extrema importância para potenciar o sucesso do trabalho cooperativo. Caso as mesmas não existam o professor deverá ajudar no seu desenvolvimento, incentivando os elementos do grupo a esperar pela sua vez para falar, partilhar o material, ajudar os outros, entre outras competências.

e) **Avaliação do grupo**: ocorre quando os elementos do grupo analisam o cumprimento dos objectivos estabelecidos para uma tarefa e para si próprios, tendo em conta as regras definidas. Nessa avaliação, os alunos tem que determinar as atitudes positivas e negativas e as condutas que o grupo deve manter ou modificar. Para que eles possam realizar essa avaliação, necessitam que lhes seja concedido o tempo necessário, bem como as condições essenciais.

As características apresentadas possibilitam o ajustamento e a adaptação da aprendizagem cooperativa às circunstâncias específicas e às necessidades dos alunos, bem como a intervenção pedagógica para melhorar a eficácia de qualquer grupo que não esteja funcionando bem.

Como já visto, nos grupos de aprendizagem cooperativa, existe interdependência positiva, tendo os alunos consciência de que o bom desempenho do grupo depende do empenho de cada um numa dada tarefa em que se encontram envolvidos. Por essa razão, cada elemento do grupo demonstra responsabilidades em relação a si mesmo e aos colegas. Neste tipo de grupo, cada elemento promove o bom rendimento dos restantes, por meio da partilha de informações e de conhecimentos, bem como do incentivo e da ajuda mútua. Nele, também a liderança é partilhada. Já o professor controla, de forma continuada, o trabalho do grupo, registando as informações, dando feedback sobre o seu funcionamento e, quando necessário, intervindo. Por fim, esses grupos de aprendizagem analisam regularmente a sua eficácia e o desempenho de cada um dos seus elementos, com o objectivo de melhorar o seu desempenho.

Enquanto isso, nos grupos tradicionais, não existe interdependência positiva entre os elementos, que nem sempre trocam informações e conhecimentos sobre a tarefa que os envolve. Além disso, não existe discussão de ideias e os alunos apenas são responsáveis por si e não pelos colegas; da mesma forma, não há a construção de um espírito de equipe, uma vez que as actividades que promovem esse espírito são descuradas. Algumas vezes, no seio do grupo, gera-se uma discussão pela liderança, não sendo originada pelo valor do aluno que a provoca, mas sim, por uma questão de afirmação diante da turma e do professor. As competências sociais também não são ensinadas, porque se presume que os alunos já as possuam.

O professor, por sua vez, além de não controlar os grupos, não lhes dá feedback sobre o seu funcionamento; já os alunos mais responsáveis preferem trabalhar sozinhos, porque pensam que suas capacidades não estão sendo aproveitadas dentro do grupo. Por fim, os professores que recorrem a métodos de aprendizagem tradicionais não permitem qualquer tipo de cooperação por parte dos alunos, sendo que cada um deles interage apenas com a informação dada pelo professor, que pode ser oral ou escrita.

2.3.2 Constituição e funcionamento dos grupos de aprendizagem cooperativa

No que concerne ao número de elementos de um grupo cooperativo, os autores diferem, evidenciando a inexistência de um número ideal de elementos. No entanto, parece haver consenso na ideia de que este é um factor que poderá influenciar o sucesso do trabalho a desenvolver. Na constituição dos grupos FONTES & FREIXO (2004:35) registam a importância de “*se ter em conta a natureza das tarefas a realizar, a idade dos alunos, a*

experiência destes com este tipo de metodologia e a disponibilidade dos materiais necessários à execução da tarefa no tempo definido pelo professor para a sua realização”.

Conforme afirma o autor PUJOLÁS, citado por (Ibidem., 35) diz haver “*uma relação directa entre a experiência dos alunos e o número de elementos do grupo*” pelo que “*quanto mais elevada for a experiência anterior em Aprendizagem Cooperativa maior poderá ser o número de elementos que constituem os grupos*”. O autor regista que os grupos de aprendizagem cooperativa podem compreender até 6 elementos, de modo a que todos possam interagir uns com os outros.

JOHNSON & JOHNSON citados por (Ibidem), por seu lado, consideram que os grupos devem ter “*entre 2 à 4 elementos*”. Aparecem ainda alguns autores que referem que a dimensão dos grupos não deverá ser superior a 2 elementos, pois “*quanto maiores forem os grupos maior é a probabilidade de se formarem subgrupos*” e de levar alguns elementos a adoptar uma “*atitude mais passiva, independentemente das suas capacidades*” (Ibidem., 36).

Portanto, tendo em consideração a realidade Moçambicana, esta em que normalmente o número de alunos na sala de aula chega a atingir 90 alunos, o autor do trabalho tem a discordar com a abordagem trazida pelos autores referenciados na citação acima, isso porque, as salas de aula não oferecem espaço suficiente para a criação de grupos formados por 2 à 4 elementos; o professor não irá conseguir monitorar todos os grupos existentes na sala de aula devido à escassez do tempo.

Segundo Ibidem., 36, na linha do que vimos já defendido por Fraile consideram que “*os grupos de trabalho cooperativo devem ser o mais heterogéneo possível*”, sendo esta heterogeneidade relativa ao sexo, idade, capacidades ou outras características dos alunos. Os autores referem ainda, citando JOHNSON & JOHNSON que esta heterogeneidade contribui para a promoção de um pensamento mais profundo, um maior intercâmbio de explicações e uma maior tendência para que os alunos assumam pontos de vista diferentes.

No que respeita à selecção dos elementos dos grupos, esta pode ser feita tanto pelo professor como pelos próprios alunos. No primeiro caso, o professor “*tem a possibilidade de decidir quem vai trabalhar com quem e garantir que dentro dos grupos não se encontre uma maioria de alunos pouco trabalhadores ou o contrário, e também que os grupos sejam formados por elementos que apresentem estabilidade comportamental no desenvolvimento das diferentes tarefas dentro do grupo*” (JOHNSON & JOHNSON, citados por FONTES & FREIXO (2004).

Contudo, tendo em conta a realidade do campo em que a pesquisa foi realizada, quanto a formação dos grupos nas turmas do 3º ciclo (7ª classe), o autor do trabalho é da opinião de que a responsabilidade deve ser apenas do professor, e não do aluno como também aborda o trecho acima, isto porque, trata-se de uma classe cuja maior parte dos alunos encontram-se numa faixa etária caracterizada por algumas turbulências ao nível comportamental e emocional, trata-se da fase da puberdade ou mesmo a adolescência propriamente dita e, isso poderá vir a influenciar na formação dos grupos com base nas suas relações de proximidade e amizades. Entretanto, o professor melhor do que ninguém conhece as potencialidades de cada aluno seu.

Assim sendo, na visão de PUJOLÁS, citado por, (Ibidem., 37),

“quando o professor opta por ser ele a fazer a constituição dos grupos de trabalho, deve ter sempre em conta as preferências e incompatibilidades que podem existir entre os alunos para que desta forma se possam minimizar as tensões entre os diferentes elementos do grupo de Aprendizagem Cooperativa”.

2.3.3 Vantagens da aprendizagem cooperativa

No respeitante as vantagens que a aprendizagem cooperativa proporciona aos alunos, JONHSON & JOHNSON citados por, (Ibidem., 30) destacam como vantagens da aprendizagem cooperativa, quando comparada com as metodologias competitivas ou individualistas, o facto de: i) os elementos do grupo desenvolverem maiores esforços para conseguirem um bom desempenho, porque aumenta o rendimento e a produtividade, ii) de ocorrer a mais longo prazo a retenção de conhecimentos, iii) de se verificar uma maior motivação para se alcançar um maior rendimento, iv) aumentar o tempo dedicado à realização das tarefas v) e de ocorrer um aumento da racionalidade e do pensamento crítico. Para além disso, manifestam-se relações mais positivas entre os elementos do grupo, porque aumenta o espírito de grupo, a solidariedade e a cumplicidade nas relações, assim como, o respeito pessoal e académico. Por fim, os elementos do grupo apresentam maior saúde mental, porque se verifica um fortalecimento do eu, ocorre um maior desenvolvimento social e promove-se a integração e a auto-estima.

Neste sentido, a aprendizagem cooperativa surge como uma alternativa às metodologias tradicionais, “que privilegiam de uma forma quase exclusiva as aprendizagens conceptuais e que conduzem ao individualismo e à competição entre os alunos, reforçam a exclusão social e

os sentimentos de inadaptação dos que obtêm menor aproveitamento e não preparam os jovens para os desafios e as exigências actuais da sociedade” (LOPES & SILVA, 2009).

É importante que o professor esteja ciente de que, ao implementar esta metodologia de ensino-aprendizagem, terá que perceber as vantagens e desvantagens que os autores apontam à sua utilização. (FRAILE citado por FONTES & FREIXO, 2004:60) refere que, as vantagens da aprendizagem cooperativa podem reflectir-se ao nível das competências cognitivas e/ou ao nível das competências atitudinais.

No primeiro caso, regista-se maior produtividade e rendimento dos alunos, o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e da resolução de problemas; a aquisição e utilização de competências cognitivas superiores e de estratégias cognitivas de nível elevado; o desenvolvimento e utilização de uma linguagem correcta e mais elaborada nos debates e no intercâmbio de informação entre os grupos.

No segundo caso, registam-se impactos no desenvolvimento de uma imagem pessoal mais positiva, aumentando a valorização e a auto-estima; no aumento do interesse e da motivação devido aos processos interpessoais desenvolvidos dentro do grupo; do aumento das expectativas futuras que têm por base a valorização das capacidades e dos esforços apresentados; do desenvolvimento de uma comunicação eficaz e positiva; do desenvolvimento do respeito pelos outros baseados na confiança, colaboração, solidariedade e empatia; do incremento da responsabilidade individual perante o grupo e perante a sua própria aprendizagem; e da integração dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

De acordo com LOPES & SILVA (2009), por seu lado, destacam benefícios de ordem social, psicológica, académica e na avaliação (ver quadro I).

Categorias	Dimensões
Benefícios sociais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estimula e desenvolve as relações interpessoais; ▪ Promove respostas sociais positivas em relação aos problemas e estimula um ambiente de apoio à gestão de resolução de conflitos; ▪ Cria um sistema de apoio social mais forte; ▪ Encoraja a responsabilidade pelos outros; ▪ Desenvolve um maior número de relações heterogéneas positivas;

	<ul style="list-style-type: none">▪ Encoraja a compreensão da diversidade;▪ Encoraja uma maior capacidade dos alunos para verem as situações, assumindo as perspectivas dos outros (desenvolvimento da empatia);▪ Estabelece uma atmosfera de cooperação e de ajuda em toda a escola;▪ Os alunos são ensinados como criticar ideias, não pessoas;▪ As salas de aula cooperativas podem ser usadas para modelos ou exemplificar comportamentos sociais desejáveis necessários a situações de emprego em que se utilizam equipas e grupos;▪ Os alunos praticam a modelagem social e os papéis relacionados com o trabalho;▪ Fomenta o espírito de constituição de equipa e a abordagem da equipa para a resolução de problemas ao mesmo tempo que mantém a responsabilidade individual;▪ Fomenta a prática do desenvolvimento de competências de liderança;▪ Proporciona os fundamentos para o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem nas instituições e nos cursos;▪ Ajuda os professores a deixarem de ser o centro do processo de ensino para se tornarem facilitadores da aprendizagem, permitindo passar da aprendizagem centrada no professor para a aprendizagem centrada no aluno.
--	---

Benefícios psicológicos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Promove o aumento da auto-estima; ▪ Melhora a satisfação do aluno com as experiências de aprendizagem; ▪ Encoraja os alunos a procurar ajuda e a aceitar a tutoria dos outros colegas; ▪ A ansiedade na sala de aula é significativamente reduzida com a aprendizagem cooperativa; ▪ A ansiedade nos testes é significativamente reduzida; ▪ Cria uma atitude mais positiva dos alunos em relação aos professores, elementos do conselho executivo e outros agentes educativos e uma atitude mais positiva dos professores em relação aos seus alunos; ▪ Estabelece elevadas expectativas para alunos e professores.
Benefícios académicos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolve competências de pensamento de nível superior; ▪ Estimula o pensamento crítico e ajuda os alunos a clarificar as ideias através da discussão e do debate; ▪ O desenvolvimento das competências e da prática podem ser melhoradas e tornarem-se menos aborrecidas por meio das actividades de aprendizagem cooperativa dentro e fora da aula; ▪ Desenvolve as competências de comunicação oral; ▪ Fomenta as competências metacognitivas nos alunos; ▪ As discussões cooperativas melhoram a recordação do conteúdo do texto por parte dos alunos; ▪ Cria um ambiente de aprendizagem activo, envolvente e investigativo; ▪ Proporciona treino sobre as estratégias de ensino eficazes para a próxima geração de professores; ▪ Ajuda os alunos a deixarem de considerar os professores como as únicas fontes de conhecimento e saberes; ▪ Promove os objectivos de aprendizagem em vez dos objectivos de desempenho; ▪ Permite aos alunos exercitarem um sentimento de controlo sobre a tarefa;

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contribui para o desenvolvimento de uma atitude mais positiva em relação às matérias escolares; ▪ Aumenta a capacidade de retenção do aluno; ▪ Aumenta a persistência dos alunos na conclusão dos exercícios e a probabilidade de serem bem-sucedidos na conclusão dos mesmos; ▪ Os alunos permanecem mais tempo na tarefa e apresentam menos problemas disciplinares; ▪ Desenvolve a demonstração ou exemplificação de técnicas de resolução de problemas pelos colegas; ▪ Permite a atribuição de tarefas mais desafiadoras sem tornar a carga de trabalho excessiva; ▪ Os alunos mais fracos melhoram o seu desempenho quando se juntam com colegas que têm melhor rendimento escolar; ▪ Proporciona aos alunos que têm melhores notas a compreensão mais profunda que apenas resulta de ensinarem a matéria aos outros; ▪ Leva à produção de mais e melhores questões na aula; ▪ Os alunos exploram soluções alternativas para os problemas num ambiente seguro; ▪ É especialmente útil na aprendizagem das línguas estrangeiras em que as interações que envolvem o uso da língua são importantes; ▪ É especialmente útil para o ensino da matemática; ▪ Enquadra-se bem na abordagem construtivista do ensino-aprendizagem.
Benefícios na avaliação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Proporciona formas de avaliação alternativas tais como a observação de grupos, avaliação do espírito de grupo e avaliações individuais escritas curtas; ▪ Proporciona <i>feedback</i> imediato aos alunos e ao professor sobre a eficácia de cada turma e sobre o progresso dos alunos, a partir da observação do trabalho individual e em grupo.

Quadro I – Benefícios da Aprendizagem Cooperativa (LOPES & SILVA, 2009:50)

2.3.3 Tipos de grupo de aprendizagem cooperativa

Segundo JOHNSON & JOHNSON citado por (Ibidem), “*existem três tipos de grupo de aprendizagem cooperativa: os grupos formais, informais e de base*”.

Os **grupos formais** são aqueles que funcionam durante um período de tempo, que pode variar entre uma hora e várias semanas. Nesse tipo, os estudantes trabalham para atingir um objectivo comum, garantindo que as tarefas em que estão envolvidos sejam concluídas, além de participarem de forma activa nas tarefas intelectuais de organização do material, explorando-o, explicando-o e integrando-o nas estruturas conceituais já existentes.

Os **grupos informais** funcionam durante um período de tempo menor que o dos formais, podendo ser de apenas uns minutos até uma aula inteira, e são, normalmente, utilizados pelo professor durante uma actividade mais direccionada, como, por exemplo, uma demonstração, uma leitura ou a realização de um exercício. Tal como os formais, permitem assegurar que os alunos realizem o trabalho intelectual de organizar, explicar, resumir e integrar o material nas estruturas conceituais existentes.

Por fim, os **grupos de base** são formados para um maior período de tempo, que normalmente corresponde a um ano lectivo. Esses grupos são heterogéneos em termos de aprendizagem e os seus elementos não se modificam. O objectivo primordial na formação desses grupos é o de todos os elementos ajudarem-se e se apoiarem, para melhorar o rendimento escolar de cada um. Os alunos desenvolvem relações responsáveis e sólidas que irão motivá-los a se esforçar na realização das tarefas, a fim de que tenham a melhor aprendizagem e desenvolvimento social possíveis.

2.3.4 Papel e funções do professor na gestão da aprendizagem cooperativa

O papel do professor assume uma particular importância no que concerne à adopção de metodologias cooperativas, pois, como explicitam LOPES & SILVA (2010:7) “*o que os professores fazem na sala de aula é, sem margem para dúvidas, o principal factor extrínseco ao aluno que determina a sua aprendizagem e o seu sucesso*”.

Assim, torna-se importante a sua intervenção nos momentos prévios à realização da tarefa de natureza cooperativa, nos momentos de realização e nos momentos que se seguem à mesma. Como referem FONTES & FREIXO (2004:58) o professor é responsável por “*definir os*

objectivos do trabalho, tomar todas as decisões e efectuar todos os preparativos necessários”.

O professor deve ainda, motivar os alunos para a realização das tarefas, apresentando os objectivos das mesmas e os procedimentos cooperativos a adoptar para que o grupo seja bem sucedido. O professor é responsável, ainda, por “pôr em funcionamento os princípios básicos que permitem aos grupos de trabalho serem verdadeiramente cooperativos, nomeadamente, a interdependência positiva, a responsabilidade individual, a interacção pessoal, a integração social e a avaliação do grupo” (Ibidem).

Durante a realização das tarefas o professor deverá verificar, junto dos grupos, se todos os alunos interagem e participam da mesma forma e registar a evolução dos seus desempenhos nas tarefas e nas competências. O professor assume assim o papel de observador, visto que deverá estar atento às conversas do grupo para que possa realizar uma avaliação do mesmo.

De acordo com MIR et al, citados por, (Ibidem., 59), o professor é responsável por um conjunto de funções que se apresentam à seguir:

- Garantir que cada aluno conheça os objectivos do grupo;
- Controlar a rotatividade de papéis;
- Estimular o intercâmbio de explicações e justificações necessárias à realização das tarefas;
- Assegurar a disponibilidade dos recursos básicos para a realização da tarefa;
- Garantir o sucesso dos elementos mais fracos;
- Fornecer aos grupos os critérios e instrumentos de avaliação essenciais para a avaliação;
- Controlar o tempo de realização das tarefas;
- Dar ênfase ao papel que cada um desempenha dentro do grupo e;
- Estimular a capacidade de argumentação sempre que existam opiniões divergentes.

2.4 As raízes teóricas da aprendizagem cooperativa

Teoria, pesquisa e prática são trigêmeos siameses: cada um com vida própria mas conjuntamente inseparáveis. O poder da *aprendizagem cooperativa* reside nas inter-relações da teoria, pesquisa e prática. A teoria está para a prática como o solo está para as plantas. Se o solo for apropriado, e as condições forem correctas, a planta crescerá e florescerá. Se a teoria for válida e as condições para efectivas implementações forem identificadas, os procedimentos práticos se desenvolverão e melhorarão continuamente.

Sem uma teoria adequada, a prática se torna estática e estagnada. Alguns dos maiores teóricos do século XX se concentraram na cooperação. O uso da aprendizagem cooperativa em classes tem suas raízes na criação da *teoria da interdependência social*, da *teoria cognitivo-evolutiva* e da *teoria da aprendizagem comportamental*.

A teoria da interdependência social

Para esta teoria, a cooperação é resultante da interdependência positiva entre os alvos dos indivíduos. Kurt Koffka (um dos fundadores da Escola Gestáltica de Psicologia), propôs, no começo do século XX, que os grupos fossem um todo dinâmico, no qual a interdependência dos membros pudesse variar. Kurt Lewin afirmou que a essência de um grupo reside na interdependência de seus membros (criada pelos alvos em comum). Os grupos são “todos dinâmicos” nos quais uma mudança na condição de algum membro ou de algum subgrupo muda a condição dos outros membros ou de outros subgrupos. Morton Deutsch (um dos alunos de Lewin), primeiro formulou uma teoria da interdependência social nos anos 40, observando que a interdependência pode ser positiva (cooperação), negativa (competição), ou não existente (esforços individualistas).

Nós (David foi um dos alunos de Deutsch), nos anos 80, publicamos uma formulação abrangente da teoria. A premissa básica da teoria da interdependência social é que o modo como a interdependência social é estruturada determina o modo como os indivíduos interagem, que, por sua vez, determina os resultados. A interdependência positiva (cooperação) resulta em interação promotora visto que os indivíduos estimulam e facilitam os esforços mútuos para se aprender.

A interdependência negativa (competição) resulta tipicamente em interação de resistência, visto que os indivíduos não estimulam e obstruem os esforços mútuos para se conseguir alguma coisa. Na ausência de uma interdependência funcional (isto é, o individualismo), não existe interação visto que os indivíduos trabalham independentemente, sem intercâmbio um com o outro.

A teoria cognitivo-evolutiva

Essa corrente vê a cooperação como um pré-requisito essencial para o crescimento cognitivo. Ela flui da coordenação de perspectivas à medida que os indivíduos trabalham para atingir alvos em comum. Jean Piaget ensinou que, quando os indivíduos cooperam quanto ao ambiente, um conflito sócio-cognitivo saudável ocorre, o qual cria um desequilíbrio cognitivo que, por sua vez, estimula a habilidade para se posicionar em perspectiva assim como estimula o desenvolvimento cognitivo. Lev Vygotsky acreditava que os esforços cooperativos para se aprender, entender e resolver problemas são essenciais para construir o conhecimento e transformar perspectivas conjuntas em funcionamento mental interno. Para ambos, Piaget e Vygotsky, trabalhar de modo cooperativo com parceiros e instrutores mais capazes resulta em desenvolvimento cognitivo e em crescimento intelectual.

A teoria da aprendizagem comportamental

Para esses teóricos os alunos trabalharão com afinco naquelas tarefas pelas quais eles asseguram algum tipo de recompensa, e não trabalharão naquelas tarefas que não ofereçam recompensa ou castigo. Nesse caso, a aprendizagem cooperativa é planejada para fornecer incentivos aos membros de um grupo a fim de que eles participem no esforço do grupo. Skinner se concentrou em contingências do grupo, Bandura na imitação, e Homans, com Thibaut e Kelley, se concentraram no equilíbrio entre recompensas e custos nos intercâmbios sociais entre indivíduos interdependentes.

CAPITULO III – APRESENTAÇÃO, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Neste capítulo irá se proceder à apresentação, descrição e interpretação de dados recolhidos através do trabalho de campo com vista a compreender quais são as metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa.

Os dados que são apresentados neste estudo foram obtidos na Escola Primária Completa de Napipine com recurso a técnica de entrevista dirigida aos sujeitos que fazem parte da amostra.

A actual Escola Primária Completa de Napipine, localiza-se no Posto Administrativo Municipal de Napipine, Bairro com o mesmo nome, situado ao Oeste da Universidade Pedagógica no Campus de Napipine, ao lado da Igreja São Pedro - Napipine.

Esta escola é de longa data, desde o tempo Colonial deu lugar procedimentos educacionais, a escola deu o nome de Napipine através de um Rio que passa perto da escola, cujo Rio frequentavam ou abundavam muitas vezes as aves chamadas em língua local ANAPHIPI, estas aves também faziam ninhos nas grandes árvores que se encontravam em arredor das instalações da Escola. As aves cantavam nas madrugadas e andavam em grupo. Assim, a escola foi fundada no ano de 1948, com o nome oficial de **Escola Missionaria de São Pedro** e na altura só estudavam os filhos dos assimilados, cujos níveis leccionados eram mais baixos, apenas para saber assinar e comunicar com os brancos. Em 1957 a escola é elevada ao Centro de Formação de Professores de 4ª classe mais quatro anos.

Em 1982 lançou-se a primeira pedra de uma construção de cinco (05) salas de aulas em frente do Centro Social de São Pedro, na actual Escola Secundária de Napipine, cuja inauguração foi em Janeiro de 1988.

Em 1989 a escola é proposta para implantação de EPC de Napipine, nesta versão, houve separação entre EP₁ e EP₂ sendo a EP₁ na actual EPC de Napipine e EP₂ na actual escola Secundária de Napipine.

Em 2002 retirou-se a EP₂ na actual escola Secundária de Napipine, vindo se juntar a escola Primária Completa de Napipine, onde até a actual data está funcionando e leccionando da 1ª a 7ª classe, enquanto outro lado onde funcionava a EP₂, ficou categorizada escola Secundária de Napipine, daí que, a zona vulgarmente passa a chamar-se de Napipine.

Ainda em torno da conversa feita pelo autor durante a sua pesquisa com os sujeitos entrevistados deu para constatar que, os anos de serviços dos entrevistados variam de 6 à 34 anos de serviço e quanto ao nível de formação dizer que, a maior parte dos professores com quem se trabalhou passaram pelo nível de formação de 10ª classe mais 1 ano pelo Instituto de Formação de Professores de Nampula.

3.1 Apresentação, descrição e interpretação de dados da entrevista submetida aos Professores do 3º ciclo (7ª classe) da Escola Primária Completa de Napipine

A apresentação, descrição e interpretação de dados dos discursos dos entrevistados segue a ordem das perguntas formadas no guião de entrevista, para posterior fazer-se a discussão e comprovação das hipóteses anteriormente traçadas.

3.1.1 Implementação da Aprendizagem Cooperativa nas aulas

A questão número 3 do apêndice I, foi elaborada com o objectivo de saber se os professores implementam ou não essa metodologia de ensino-aprendizagem durante as suas aulas. No que se refere as respostas obtidas após se ter submetido as questões que faziam parte do guião de entrevista, dos cinco (05) professores correspondentes à 100% da nossa amostra, foram todos unânimes em afirmar que tem implementado a aprendizagem cooperativa nas suas aulas.

Quanto a essa questão, o autor do trabalho ao efectuar a pesquisa constatou que, essa metodologia de ensino aprendizagem é sim implementada pelos Professores mas não tem sido constantemente. Eles alegam que tem sido difícil de implementar nos dias em que estes apenas têm um tempo numa determinada turma.

3.1.2 Estratégias usadas na implementação da Aprendizagem Cooperativa

Para a questão número 4 do apêndice I, teve como propósito, obter dos professores, informações em torno das estratégias com que se tem apoiado durante a implementação da aprendizagem cooperativa com os seus alunos.

Quanto as respostas obtidas, dos cinco (05) professores submetidos ao nosso guião de entrevista, três (03) professores correspondentes à 60% disseram que, as estratégias que têm usado são: perguntar os alunos se fizeram o dever de casa (TPC); pedir voluntários para fazerem a correcção de exercícios; mandar formar grupos para leitura e interpretação de textos e, dois (02) professores correspondentes à 40%, após feita a compilação de dados obtidos,

disseram que, as estratégias que tem usado são de carácter elaboração conjunta, baseada na interacção entre professor-aluno, isto é, o professor distribui temas aos grupos e esses são discutidos em forma de debates na sala de aula, mas para tal, necessita primeiramente de passar pelo processo de motivação dos seus alunos para se empenharem durante a realização das actividades.

No que se refere as informações obtidas, o autor é da opinião de que as estratégias usadas pelos professores durante as aulas são passivas, isto porque, acabam não se adequando à aquela realidade visto que, ao perguntar os alunos se fizeram as tarefas de casa e pedir voluntários para fazerem a correcção, é de esperar que no meio de 80 à 90 alunos existam muitos que poderão escapar de ser observados e corrigidos os seus cadernos e, perante este cenário, para os alunos com certas dificuldades será difícil o Professor identifica-lo.

O autor sugere que, seria melhor se os professores procurassem passar de lugar em lugar a verificar os cadernos dos alunos e depois, indicarem alguns alunos para fazerem a correcção da tarefa.

Quanto a elaboração conjunta, especificamente o uso da técnica de debate, o autor comunga com o uso desta estratégia, visto que, ajuda os professores a identificarem com facilidade as dificuldades de cada aluno para posteriormente ajuda-lo a superar e a descobrir as suas potencialidades. Em relação a motivação, de salientar que os Professores não devem apenas usa-la para obter dos alunos maior entrega durante a realização das actividades, mas sim, a mesma deve ocorrer durante todo o processo de ensino – aprendizagem, através de elogios, brindes, aplausos mas, sem ridicularizar os outros que naquele dia não obtiveram o mesmo sucesso.

3.1.3 Esclarecimento de dúvidas aos grupos

No que diz respeito a questão 5 do apêndice I, cuja mesma foi elaborada com o objectivo de obter dos professores informações se, em caso de existência de dúvidas dentro do grupo, com quem fica a responsabilidade de esclarecer as dúvidas. Dos cinco (05) professores que compunham assim os 100% da amostra, três (03) professores correspondentes à 60% disseram que tem dado oportunidade aos alunos de se esclarecerem as dúvidas, dois (02) professores correspondentes à 40% responderam que, tem sido eles quem esclarecem as dúvidas dos alunos.

No respeitante a questão, de acordo com observações feitas pelo autor no campo da pesquisa tem a se dizer que, tratando-se duma escola com turmas numerosas, seria importante que os professores estivessem sempre presentes na sala de aula para ajudar os grupos em caso de encontrarem algumas dificuldades durante a realização das actividades, ao invés de, deixarem as tarefas e saírem da sala para conversas com outros colegas, alegando que, caso exista dúvida nos grupos poderão entre eles se esclarecer.

O autor sugere que, em caso dos professores constatarem grupos com dificuldades durante a resolução de certas actividades, eles devem ajuda-los a encontrarem o caminho certo para o alcance da solução, ao contrário de deixar a responsabilidade total para os integrantes dos grupos assim como não devem sempre responder as dúvidas sem antes darem oportunidade aos alunos, isto é, os professores servem apenas como mediadores do processo de ensino-aprendizagem.

3.1.4 Formação de grupos

A questão 6 do apêndice I, foi elaborada com o objectivo de obter dos professores entrevistadas informações em relação aos critérios por si usados na formação de grupos durante a implementação da aprendizagem cooperativa. Em resposta, dos cinco (05) professores correspondentes à 100%, quatro (04) dos professores entrevistados correspondentes à 80% da amostra responderam que, quanto a formação dos grupos pedem que os alunos se escolham e formem os seus pares e, um (01) professor afirmou ser ele quem forma os grupos tendo em conta o tipo de actividade que se pretendem realizar em cada aula correspondendo à 20% da amostra.

Assim sendo, o autor comunga com a ideia de que para a formação de grupos na sala de aula, é importante que seja o professor quem deve escolher como devem estar estruturados os grupos, isto para evitar que a formação dos grupos não seja feita com base nas relações de amizade e afinidades, o que pode vir a influenciar no fracasso de aprendizagem de outros alunos com menor capacidades ou dificuldades numa determinada matéria.

Portanto, para essa metodologia de aprendizagem, pressupõe-se que os grupos sejam constituídos respeitando a heterogeneidade dos seus membros, isto é, dentro do grupo não deve haver quem sabe mais, mas sim, cada aluno ensina e aprende com o outro.

3.1.5 Constituição dos grupos em aprendizagem cooperativa

Quanto a questão 7 do apêndice I, dizer que, a mesma foi elaborada com o objectivo de obter dos entrevistados, informações em relação ao número de elementos que compõe cada grupo para realização de determinadas actividades. Em resposta, dos cinco (05) professores correspondente à 100% da amostra, três (03) professores correspondentes à 60% disseram que, o número de elementos tem compreendido o intervalo de 8 à 10 elementos em cada grupo e, dois (02) professores correspondentes à 40% dos entrevistados disseram que, o número de elementos constituintes em cada grupo varia de 5 à 6 elementos.

Sobretudo, tendo em conta observações feitas pelo autor no campo de pesquisa, quanto ao número de elementos que constituem os grupos formados, o mesmo constatou que, naquela escola maioritariamente os grupos lá formados eram de 10 elementos e, na percepção do autor e com o auxílio de alguns algumas conversais informais feitas com os professores deram a conhecer que, isso tem acontecido devido a nossa realidade escolar, visto que, as salas de aula na EPC de Napipine têm sido de até 90 alunos. E na opinião do autor, recorrendo aos autores LOPES & SILVA, (2009) “para que a aprendizagem seja eficaz, o tamanho do grupo deve ser entre dois à quatro elementos”.

Portanto, o autor sugere que ao invés dos professores optarem por formar grupos maiores e obterem fraco desempenho, propõe-se que os grupos formados comportem no mínimo 6 elementos em cada, isto porque, a nossa realidade escolar não se compara com a realidade vivida pelos autores mencionados na citação acima.

3.1.6 Avaliação dos objectivos à alcançar com à tarefa

A questão 8 do apêndice I foi elaborada com o propósito de se obter dos professores entrevistados dados referente a maneira como estes conseguem avaliar se os objectivos estão a ser alcançados. Em resposta, dos cinco (05) professores correspondentes à 100% da nossa amostra, três (03) professores entrevistados correspondentes à 60% afirmaram que tem avaliado se os objectivos estão a ser alcançados na medida em que pedem voluntários para resolver exercícios por si atribuídos; quando mandam realizar tarefas em grupo e descobre que o grupo conseguiu chegar a solução do problema e, dois (02) professores correspondentes à 40% responderam que conseguem avaliar se os objectivos estão a ser alcançados a partir de resultados dos testes quando revelam uma classificação positiva nas notas.

Em torno da questão, o autor tem a dizer que, os Professores não deviam levar em consideração a resolução de exercícios da parte de alguns alunos voluntários e o alcance da solução de determinados problemas da parte dos grupos como sendo indicadores que os leva a avaliar que os objectivos estão a ser alcançados, visto que, no momento em que os Professores pedem alguns voluntários para resolverem um determinado exercício, espera-se com isso intervenção de apenas alunos com domínio daquele matéria e, para os que não tem domínio não tem como se fazerem sentir e, no meio de 90 alunos a maior parte deles não terão como ser avaliados caso os decidam levar avante este critério de avaliação do alcance dos objectivos. Para os grupos que conseguem alcançar ou resolver as tarefas dadas pelos Professores, cabe aos professores monitor se a mesma actividade foi ou não realizada por todos os integrantes dos grupos e, recorrendo a questão anterior de número de elementos por grupo há maior probabilidade do mesmo exercício ser resolvido por um grupinho de alunos dentro do grupo maior, isso devido ao maior número de elementos.

Portanto, como sugestão o autor sugere aos professores que no lugar de pedir voluntários, melhor seria se os professores indicassem aleatoriamente alguns alunos para a resolução duma determinada tarefa e caso se detecte alunos com problemas procurasse ajuda-lo a superar.

3.1.7 Gestão do tempo durante a realização das actividades

A questão 9 do apêndice I, foi elaborada com o propósito de obter dos professores entrevistados, informações em relação a responsabilidade da gestão do tempo durante a realização das tarefas em grupos de aprendizagem cooperativa. Em resposta, dos cinco (05) professores correspondente à 100% da nossa amostra, três (03) professores correspondentes à 60% dos entrevistados responderam que, deixam a responsabilidade de gestão do tempo da realização das actividades aos grupos, cabendo a eles se pronunciarem sempre que terminarem com as actividades e, dois (02) professores correspondentes à 40% disseram que, eles é que fazem a gestão do tempo da realização das actividades nos grupos.

Em relação aos dados obtidos nessa questão, o autor do trabalho comunga com a posição dos professores que fazem a gestão do tempo durante a realização das actividades, isto porque, para além de incutir nos grupos a responsabilidade de trabalhar sob pressão, dentro do grupo poderá ser destacado um indivíduo que desempenhará o papel de monitorar o tempo da execução da tarefa, promovendo assim maior nível de competitividade entre os grupos.

De salientar que, de acordo com a realidade vivida pelo autor em que, professores deixavam as tarefas e saíam das salas para efectuarem conversas com outros colegas, a gestão de tempo que se refere nessa metodologia de ensino é realizada com a presença do professor dentro da sala de aula, observando e garantindo o sucesso dos elementos mais fracos dentro dos grupos.

3.1.8 Vantagens da aprendizagem cooperativa

A questão 10 do apêndice I foi elaborada com o objectivo de obter dos professores entrevistados, suas opiniões acerca das vantagens desta metodologia de aprendizagem. Em resposta, dos cinco (05) professores correspondentes à 100% da nossa amostra, dois (02) professores correspondentes à 40% dos entrevistados comungaram com a ideia de que, a maior vantagem desta metodologia de ensino-aprendizagem está em dar oportunidade a cada aluno de partilhar com os colegas as experiências vividas fora da sala de aula, dois (02) professores correspondentes à 40% da amostra deram a conhecer de que, a maior vantagem desta metodologia de ensino-aprendizagem está em promover maior nível de competitividade entre os alunos, um (01) professor que corresponde à 20% disse que, a vantagem desta metodologia de ensino está em ajudar os alunos a perceberem mais os conteúdos abordados na sala de aula.

Portanto, como onde sempre há vantagem pode-se encontrar desvantagem, o autor durante a conversa informal que efectuou com os professores daquela escola, ficou sabendo de quatro (04) professores correspondentes à 80% da amostra que, a única desvantagem que se encontra nesta metodologia de aprendizagem está em consumir muito tempo para a sua implementação e, um (01) professor correspondente a 20% afirmou não encontrar nenhuma desvantagem.

3.2 Verificação das hipóteses

As hipóteses podem ser ou não validadas segundo os dados da pesquisa. Por isso, esta parte meramente fez-se a discussão e a comprovação das hipóteses. Durante a concepção do projecto desta pesquisa, foram formuladas as hipóteses de partida em relação as metodologias de trabalho do professor na implementação da aprendizagem cooperativa.

Primeira hipótese: *O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias activas com vista a orientar os alunos a alcançarem os objectivos pré definidos.*

De acordo com os dados obtidos a partir das perguntas 4, 5, 6, 8 e 9 do único apêndice I, para a questão 4, três (03) professores correspondente à 60% disseram que as estratégias que têm

usado são de perguntar aos alunos se fizeram o dever de casa (TPC); pedir voluntários para fazerem a correcção de exercícios; mandar formar grupos para leitura e interpretação de textos. Quanto aos dados da questão 5 indicam que, três (03) professores correspondentes à 60% disseram que, tem dado oportunidade aos alunos de se esclarecerem as dúvidas. Em relação aos dados da questão 6 indicam que, quatro (04) entrevistados correspondentes a 80% responderam que, quanto a formação dos grupos pedem que os alunos se escolham e formem os seus pares. Os dados da questão 8 revelam que, três (03) professores correspondentes à 60% afirmaram que, tem avaliado o alcance dos objectivos na medida em que pedem alguns voluntários para irem resolver exercícios por si atribuídos; quando mandam realizar tarefas em grupo e consegue-se chegar a solução do problema. E por fim os dados da questão 9 indicam que, três (03) professores correspondentes à 60% responderam que, deixam a responsabilidade de gerir o tempo da realização das actividades aos grupos, cabendo a eles se pronunciarem sempre que terminarem com as actividades.

Portanto, os dados das questões acima mencionadas nos fazem acreditar que a nossa hipótese não foi comprovada, visto que, as estratégias usadas pelos professores durante as aulas são passivas. Em relação ao esclarecimento de dúvidas a mesma é incumbida aos alunos. No respeitante a formação dos grupos ficou-se sabendo dos professores que são os alunos quem formam e escolhem como estar estruturado. Quanto a avaliação do cumprimento dos objectivos, dizer que, os Professores não deviam levar em consideração a resolução de exercícios da parte de alguns alunos voluntários e o alcance da solução de determinado problema da parte dos grupos como sendo indicadores que os leva a avaliar que os objectivos estão a ser alcançados. E no respeitante a gestão de tempo durante a realização de actividades ficou-se sabendo da maior parte da amostra de que é deixada para os alunos essa responsabilidade.

Segunda hipótese: *O Professor durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa usa metodologias passivas com vista a dar liberdade aos alunos na escolha das modalidades a seguirem para o alcance dos objectivos pré definidos.*

Mediante os dados das perguntas 4, 5, 6, 8 e 9 do apêndice I, em que, para a questão 4, três (03) professores correspondente à 60% disseram que as estratégias que têm usado são de perguntar aos alunos se fizeram o dever de casa (TPC); pedir voluntários para fazerem a correcção de exercícios; mandar formar grupos para leitura e interpretação de textos. Quanto aos dados da questão 5 indicam que, três (03) professores correspondentes à 60% disseram

que, tem dado oportunidade aos alunos de se esclarecerem as dúvidas. Em relação aos dados da questão 6 indicam que, quatro (04) entrevistados correspondentes à 80% responderam que, quanto a formação dos grupos pedem que os alunos se escolham e formem os seus pares. Os dados da questão 8 revelaram que, três (03) professores correspondentes à 60% afirmaram que, tem avaliado o alcance dos objectivos na medida em que pedem alguns voluntários para resolverem exercícios por si atribuídos; quando mandam realizar tarefas em grupo e consegue-se chegar a solução do problema. E por fim os dados da questão 9 indicam que, três (03) professores correspondentes à 60% responderam que, deixam a responsabilidade de gestão do tempo da realização das actividades aos grupos, cabendo a eles se pronunciarem sempre que terminarem com as actividades.

De acordo com os dados obtidos em que claramente revelaram-nos que, os professores do 3º ciclo (7ª classe) da EPC de Napipine usam mais metodologias passivas durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa nas suas aulas, faz-nos concluir que a nossa hipótese foi comprovada, visto que, as estratégias que os professores indicaram usar na aprendizagem cooperativa são de carácter passivo, que dão maior liberdade aos alunos na sua execução. Em relação ao esclarecimento de dúvidas deu para perceber que a mesma é feita pelos próprios alunos. Quanto a formação dos grupos, tratando-se de uma aula dominada por metodologias passivas é de esperar que cabe aos alunos escolherem com quem pretendem estar. Em relação a avaliação dos objectivos e a gestão do tempo na aprendizagem cooperativa dizer que, a avaliação dos objectivos é feita pelo professor passivamente, sem tem em consideração o número de alunos que as turmas comportam e, a gestão de tempo é realizada pelos alunos, isso porque, os professores deixam as tarefas e saem das salas para efectuarem conversas com os colegas.

Conclusão

A aprendizagem cooperativa constitui um método de ensino e aprendizagem que, desenvolvendo competências sociais e possibilitando aos alunos realizar aprendizagens significativas, contribui grandemente para a formação de pessoas que facilmente se integram numa sociedade democrática e da informação.

Com os resultados obtidos nessa pesquisa, foi possível concluir que as metodologias de trabalho do Professor na implementação da Aprendizagem Cooperativa têm sido de carácter passivas, visto que, os professores da Escola Primária Completa de Napipine deram a concluir que, maioritariamente todas as actividades realizadas no decurso das suas aulas tem sido incumbidas aos alunos.

Em torno dos dados obtidos com a pesquisa, deu para saber que, para os professores, a aprendizagem cooperativa constitui um método de ensino e aprendizagem com diversificadas vantagens para os alunos, como por exemplo: dá oportunidade a cada aluno a partilhar com os colegas as suas experiências vividas fora da sala de aula, ajuda o aluno a conseguir se expressar, ajuda os alunos a perceberem mais os conteúdos abordados na aula, facilita os alunos na compressão da matéria, assim como há maior nível de competitividade entre os alunos, aumenta o rendimento escolar e a sua auto-estima do aluno e melhora as suas competências sociais. Em relação as desvantagens deste método de ensino, os professores entrevistados acabaram destacando como sendo uma das dificuldades enfrentadas por eles, a gestão do tempo durante a realização das actividades em aprendizagem cooperativa, afirmaram que, tem sido difícil cumprir com o planificado em cada aula, visto que, as turmas por onde eles passam chegam a comportar um total de 80 à 90 alunos em cada, o que faz tornar mais difícil o cumprimento dos seus planos temáticos. Eles também manifestaram outras dificuldades na implementação desse método de ensino, como é o caso das dificuldades criadas pelos melhores alunos, que acabam demonstrando alguma resistência em trabalhar com os piores, por terem receio de não realizar com sucesso as tarefas escolares.

Apesar das dificuldades, os professores que fizeram parte do guião da entrevista disseram que implementam a aprendizagem cooperativa na sala de aula, acreditando que, dessa forma, os alunos aprendem mais e melhor e desenvolvem competências sociais importantes para a vida em sociedade.

Sugestões

Feita a conclusão, a partir da apresentação e interpretação de dados que culminou com a validação da hipótese, propõe-se que haja esforço no sentido de reverter-se a situação de algumas modalidades de trabalhos usadas pelos professores durante a implementação da aprendizagem cooperativa.

- Quanto ao esclarecimento de dúvidas dos alunos durante a realização das actividades nos grupos é importante que os professores não abandonem na totalidade a responsabilidade, mas sim, que criem condições de mostrar aos alunos de que, se ajudando um ao outro serão capazes de alcançar os objectivos almejados em cada actividade e, só em caso de persistir a dúvida é que o professor poderá ajudar a solucionar;
- No referente a formação dos grupos, cabe aos professores a responsabilidade de escolherem como estes devem estar estruturados, isto por que, eles melhor que ninguém conhecem as potencialidades de cada aluno seu, e a partir disso, poderão respeitar as diferenças individuais ou a heterogeneidade que acaba sendo um aspecto muito importante para o sucesso dentro do grupo;
- Quanto ao número de elementos que constitui cada grupo, os professores devem criar condições para que os mesmos estejam formados por 5 elementos, respeitando os números ímpares para com isso facilitar a existência de uma boa coordenação entre eles;
- Em relação as estratégias usadas pelos Professores durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa, sugere-se que as mesmas sejam mais activas ao invés do que foi comprovado, visto que, os Professores optavam pelo uso de estratégias que davam mais espaço ao aluno de se decidir se podia ou não fazer o que se pretendia;
- Sugere-se ainda que, haja mais divulgação nos restantes ciclos do ensino geral em relação as vantagens que os alunos poderão ter se os Professores optarem por usar na maior parte das suas aulas métodos cooperativos e;
- Para as direcções de educação, sugere-se que capacitem mais os professores na matéria de métodos cooperativos, abordando sobre as técnicas que devem ser usadas, as estratégias, assim como o perfil que o Professor deve tomar durante a implementação da Aprendizagem Cooperativa, isso olhando para a nossa realidade educacional.

Apêndices

Apêndice I: Guião de entrevista: direccionado aos Professores do 3º ciclo (7ª Classe) da Escola Primária Completa de Napipine

A presente entrevista tem como finalidade a recolha de dados sobre as metodologias de trabalho do Professor na implementação da aprendizagem cooperativa como requisito importante para a construção da qualidade do processo ensino/aprendizagem. Todos os dados recolhidos serão alvo de confidencialidade.

Agradeço antecipadamente a vossa colaboração respondendo as questões.

- 1- Quantos anos de serviço como Professor (a) têm?
- 2- Qual é o seu nível de formação Psicopedagógica?
- 3- O senhor (a) como Professor (a) do 3º ciclo (7ª classe) na Escola Primária Completa de Napipine tem implementado a aprendizagem cooperativa nas suas aulas?
- 4- Como Professor, quais são as estratégias que tem usado durante a implementação da aprendizagem cooperativa com os seus alunos?
- 5- Quanto ao esclarecimento de dúvidas dentro do grupo, nas suas aulas, como é que tem feito para se solucionar o problema?
- 6- Como Professor, qual é o critério que tem usado na formação de grupos durante a implementação da metodologia de aprendizagem cooperativa?
- 7- Com quantos elementos (alunos) tem se constituído os grupos que são formados?
- 8- De que forma o senhor como professor consegue avaliar se os objectivos traçados estão a ser alcançados?
- 9- No que se refere a gestão do tempo, como o tem feito durante a realização das actividades em grupo.
- 10- Na sua opinião como Professor, quais são as vantagens que a aprendizagem cooperativa oferece ao aluno.

Obrigado pela sua colaboração!

Apêndice II: Grelha de respostas do guião de entrevista submetido aos Professores do 3º ciclo (7ª classe) da Escola Primária Completa de Napipine

Nº	Questão	Resposta	Professor	%
03	Implementação da aprendizagem cooperativa nas aulas	Sim	5	100
		Não	0	0
04	Estratégias usadas na implementação da aprendizagem cooperativa	Perguntar os alunos se fizeram o dever de casa; Pedir voluntários para fazerem a correcção de exercícios; Mandar formar grupos para leitura e interpretação de textos.	3	60
		Distribuição de temas aos grupos e discussão dos mesmos em forma de debates na sala de aula.	2	40
05	Esclarecimento de dúvidas aos grupos	Dão oportunidade aos alunos de se esclarecerem as dúvidas.	3	60
		O Professor é quem esclarece as dúvidas.	2	40
06	Formação de grupos	Os alunos é que escolhem e formam os seus pares.	4	80
		O professor é quem forma os grupos tendo em conta o tipo de actividade a realizar.	1	20
07	Constituição dos grupos em aprendizagem cooperativa	Os grupos são compostos de 8 à 10 elementos.	3	60
		Os grupos são compostos por 5 à 6 elementos.	2	40
08	Avaliação dos objectivos à alcançar com à tarefa	Os Professores pedem voluntários para resolver exercícios e;	3	60

		Mandam realizar tarefas em grupo.		
		A avaliação é através de resultados dos testes quando revelam uma classificação positiva nas notas.	2	40
09	Gestão de tempo durante a realização das actividades	Deixam a responsabilidade de gestão de tempo de realização das actividades aos grupos.	3	60
		Os professores é que fazem a gestão de tempo da realização das actividades nos grupos.	2	40
10	Vantagens da aprendizagem cooperativa	Dá oportunidade a cada aluno de partilhar com os colegas as experiências vividas fora da sala de aula.	2	40
		Promove maior nível de competitividade entre os alunos.	2	40
		Ajuda os alunos a perceberem mais os conteúdos abordados na sala de aula.	1	20

Fonte: autor, 2016.

Bibliografia

- CRUZ, C. & RIBEIRO, U. *Metodologia científica: teoria e prática*. 2ª edição, AxcelBooks, Rio de Janeiro, 2004.
- FONTES, A. & FREIXO, O. *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa*. S/edição, Livros Horizonte, Lisboa, 2004.
- FREITAS, L. V. & FREITAS, C. V. *Aprendizagem cooperativa*. S/edição, Asa, Porto, 2003.
- GIL, António Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ª edição, Editora Atlas, São Paulo, 1999.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia Científica*. 2ª edição, Editora Atlas, São Paulo, 1991.
- _____. *Técnica de Pesquisa*, 6ª edição, Editora Atlas, São Paulo, 2002.
- LOPES, J. & SILVA, H. *Métodos de Aprendizagem Cooperativa para o Jardim-de-Infância*. S/edição, Areal Editores, Porto, 2008.
- _____. *A Aprendizagem Cooperativa na sala de aula – um guia prático para o professor*. S/edição, Lidel-Edições Técnicas, Lisboa, 2009.
- _____. *O Professor Faz a Diferença*. S/edição, Lidel – Edições Técnicas, Lisboa, 2010.
- MARREIROS, A., FONSECA, J. & CONBOY, J.O *O trabalho científico em ambiente de aprendizagem cooperativa*. Vol. X, Revista da Educação, S/local, 2001.
- PILETTI, Claudino. *Didáctica Geral*. 12ª edição, Editora Ática, São Paulo, 1991.
- PUJOLÁS, P. *Atención a la diversidad y aprendizaje cooperativo en educación obligatoria*. Ediciones Aljibe, Málaga, 2001.
- RODRIGUES, William Costa. *Metodologia Científica*. S/edição. FAETEC/IST, Paracambi, 2007.

STRATTON, Peter & HAYES, Nicky. *Dicionário de Psicologia*. 1ª edição, Pioneira, São Paulo, 2003.

TAVARES, J. & ALARCÃO, I. *Psicologia de Desenvolvimento e de Aprendizagem*. Coimbra, Livraria Almedina, 2002.